

ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO CONSTRUÍDAS NUM CURSO DE ROBÓTICA EDUCACIONAL DO ENSINO FUNDAMENTAL

TAQUES-VILLAGRÁN, Julyana Gomes¹; MOURA, Amanda²; KILLNER, Gustavo Isaac³

¹ Estudante do Curso Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática- ENCIMA, IFSP campus São Paulo; e-mail: julyana.villagran@aluno.ifsp.edu.br

² Estudante do Curso de Licenciatura em Física-Instituto Federal de São Paulo, IFSP-campus São Paulo; e-mail: amandiesy@gmail.com

³ Docente/Pesquisador do Instituto Federal de São Paulo – IFSP, campus São Paulo; e-mail: gustavoik@ifsp.edu.br

PALAVRAS CHAVE: Ensino tecnológico; Meninas na ciência; Gênero.

1. Introdução e Justificativa

Pesquisas na área de Ensino de Ciências têm possibilitado reflexões sobre a interação do ensino tecnológico com as práticas pedagógicas. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) impôs a introdução da tecnologia em sala de aula, visando agregar novas formas de pensar e a agir. Porém, embora a tecnologia pareça neutra e universal, ainda encontramos poucas mulheres envolvidas nessa área (BARRETO, 2014).

Nassi-Calò (2017) publicou pesquisa na qual identificou apenas 5% de mulheres atuando na robótica, enquanto Silva (2014) e Beavouir (2016) indicaram que as desigualdades entre gêneros podem ser percebidas ao se analisarem as formas de produção e reprodução das diferenças estabelecidas dentro de determinado sistema. Louro (2007, p.57) já apontava que essas diferenças tendem a ser naturalizadas no ambiente escolar: “Diferenças, distinções, desigualdades... a escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso.”

Este estudo se justifica pela busca por uma educação pautada na pluralidade e no respeito às diferenças, visando a construção de uma sociedade democrática e livre de preconceitos, que reconheça e valorize a diversidade sexual.

2. Objetivos

O Objetivo desse trabalho é analisar se o gênero é um organizador social nas aulas de robótica, identificando como as turmas se organizam espontaneamente em grupos, formando equipes por gênero único ou misto ao longo do ano.

3. Metodologia

A sequência de análise investigativa foi realizada com um grupo de 638 estudantes do ensino fundamental II e dois professores de robótica, numa escola privada na cidade de São Bernardo do Campo (SP). Optou-se por trabalhar com a pesquisa qualitativa baseada nos conceitos de Ludke e André (1986, p.13), pois os dados descritivos enfatizam o processo e não o resultado.

4. Resultados e discussões

Durante as aulas de robótica os alunos formavam espontaneamente grupos de três ou quatro estudantes.

Gráfico 1- Formação dos grupos dos alunos ao longo do ano, no segundo trimestre acontecia o campeonato interno de robótica.

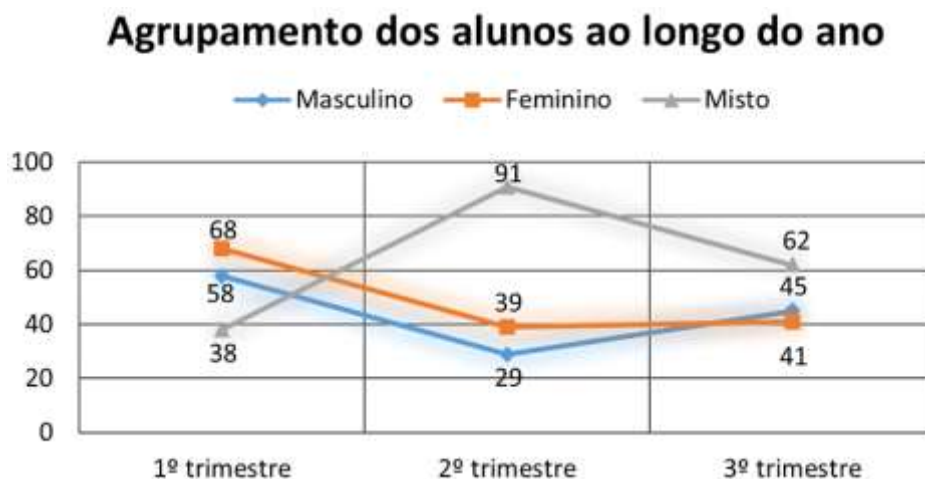


Gráfico 2 – Alunos que participaram do campeonato de robótica em 2019.

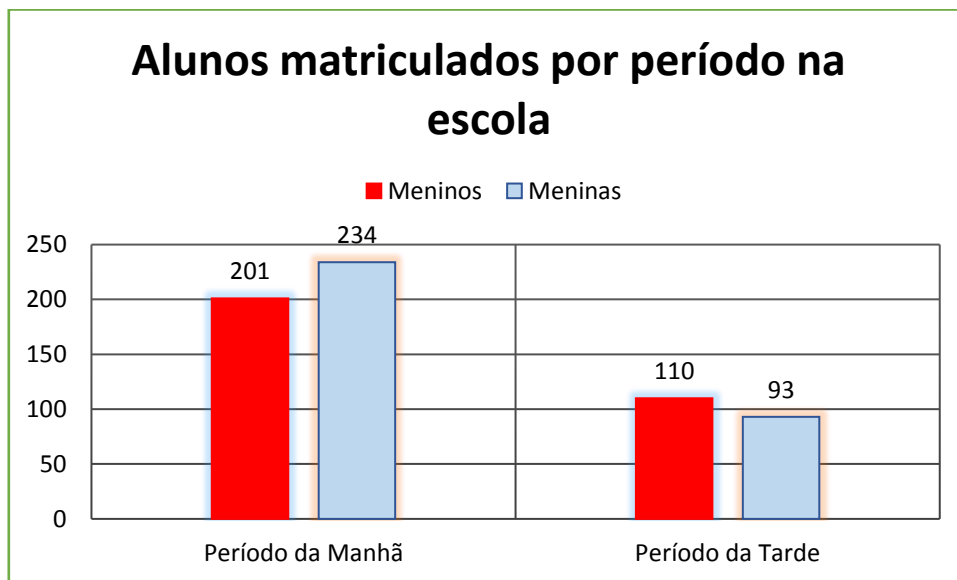


Gráfico 3 – Classificação dos times por período

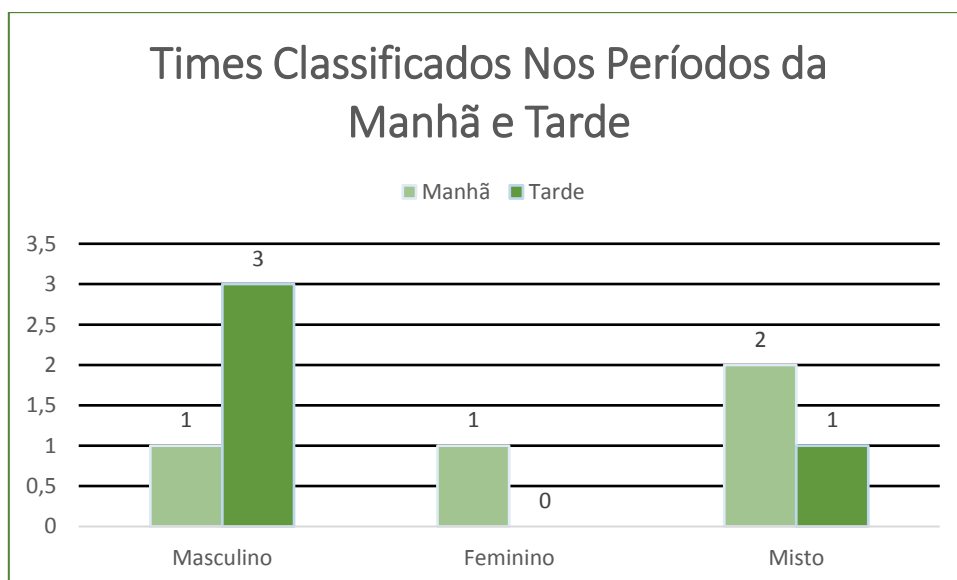


Gráfico 4 – Classificação dos times por Gênero

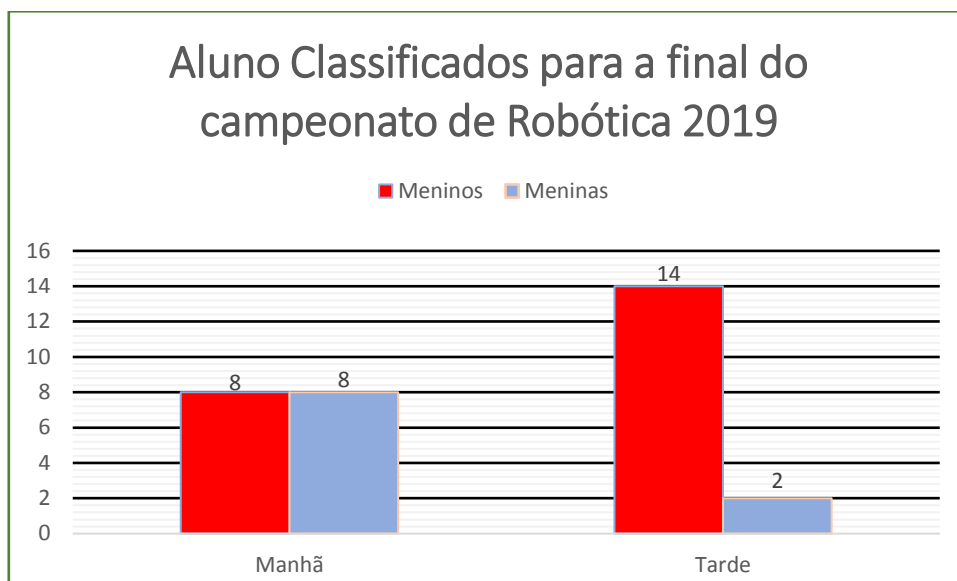
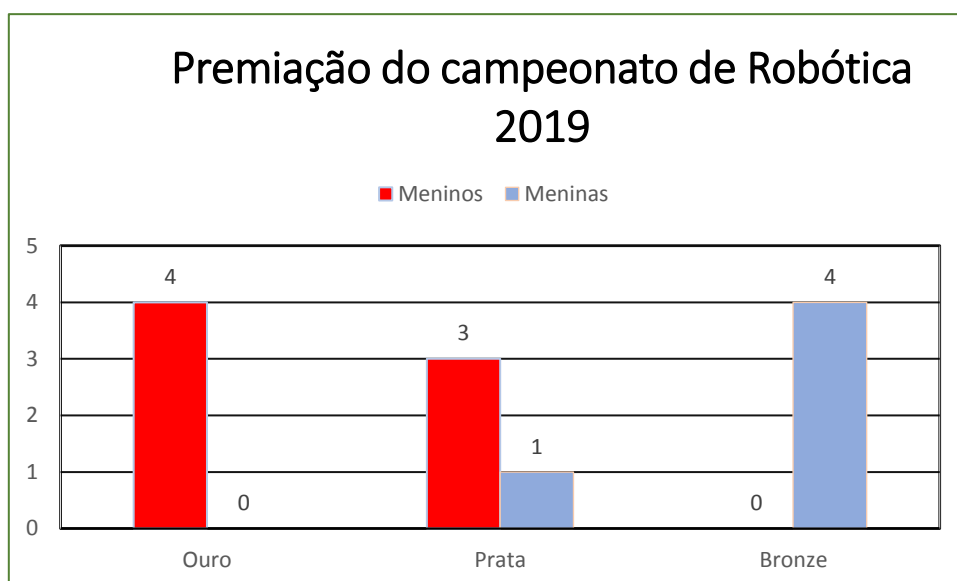


Gráfico 5 – Classificação final do campeonato



Considerando que os times da manhã são orientados por uma professora e o da tarde por um professor, o fato de ter uma mulher coordenando uma área majoritariamente masculina poderia estar associado à representatividade das meninas, motivando-as a buscar melhor desempenho na robótica, corroborando com a análise de Scott (1989, p.21), quando afirma que “símbolos culturalmente disponíveis evocam representações múltiplas”.

5. Considerações finais

Conclui-se que gênero pode ser um organizador social nas aulas de robótica, ainda que ambos os gêneros possuam mesmo desempenho e capacidade para as atividades de robótica. Caberá ao docente intervir de forma construtiva na formação das equipes, pois as meninas, se estimuladas com equidade, podem desenvolver suas habilidades de maneira mais produtiva e significativa. Foi possível identificar que o protagonismo depende do quão motivadas as alunas estão, e para isso é preciso que se trabalhe desde as séries iniciais a autoestima das meninas, para que as mesmas entendam que não há inatismo de gênero para uma determinada disciplina, esporte, curso ou área de atuação profissional.

6. Referências

BARRETO, A. **A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade**. Cadernos do GEA, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p.1-46, jul. 2014.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma Perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASSI-CALÒ, L. **Persistem as disparidades de gênero na ciência a despeito dos significativos avanços** [online]. SciELO em Perspectiva, 2017.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil para uma análise histórica**. Porto Alegre, Educação & Realidade, 1989.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença- A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes 15ª edição, 2014.

7. Documentos eletrônicos

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> (acesso em 13.07.2020 as 16h40).